

A COMUNICAÇÃO MEDIADA PELO COMPUTADOR E O APRIMORAMENTO DA HABILIDADE DA ESCRITA

COMPUTER MEDIATED COMMUNICATION AND IMPROVEMENT IN THE WRITTEN ABILITY

Fábio MADEIRA (Fatec Guarulhos, São Paulo, Brasil)

RESUMO: Este trabalho apresenta e discute um estudo de caso de ensino de Inglês para Fins Específicos (ESP¹) realizado junto à UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas – que teve como sujeito de pesquisa um cartunista interessado na tradução de seus cartuns para a língua inglesa. O objetivo da investigação foi observar se a comunicação escrita em inglês como língua estrangeira, pela internet, resulta no aprimoramento da precisão linguística na língua-alvo. O cartunista brasileiro tinha baixo grau de proficiência e, através de sua interlíngua e assistido pelo pesquisador, apresentou e discutiu seu trabalho com falantes nativos de língua inglesa. Este artigo traz uma análise dos textos resultantes desta interação, em termos de aprimoramento da precisão linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Língua estrangeira; Comunicação Eletrônica; Precisão Linguística.

ABSTRACT: *This is a discussion about teaching ESP (English for Specific Purpose). It discusses the use of written communication through internet, in English as a foreign language, and the results in improving linguistic accuracy in the target language. The debate is about the results of a research conducted at UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, in which a Brazilian cartoonist with low proficiency level language presented and discussed his work with native speakers of English. His intention was making them understand his cartoons and getting a translation for them. The texts resulted from this interaction were analyzed here in terms of improvement in linguistic accuracy.*

KEYWORDS: *Writing; Electronic communication; Linguistic accuracy.*

INTRODUÇÃO

Este artigo discute uma pesquisa na qual se observou a comunicação mediada pelo computador em língua inglesa entre um desenhista/cartunista brasileiro com pouca proficiência em língua inglesa e falantes nativos deste idioma (Madeira, 2003a). A intenção do profissional era tornar compreensível seu trabalho² para aquele público e obter a tradução de textos para a língua inglesa.

Visando à facilitação da tarefa do leitor, ofereço aqui uma sinopse da estrutura deste

¹ A abreviação ESP são as letras iniciais do termo English for Specific Purpose e é utilizada na literatura de Linguística Aplicada, na área de ensino de língua estrangeira.

² Tratava-se de cartuns com pequenos textos em língua portuguesa.

artigo. Início comentando muito brevemente sobre inovações tecnológicas e contribuições para a área de ensino e aprendizagem de língua estrangeira. Justifica-se esta discussão inicial, já que está relacionada especificamente com a comunicação mediada pelo computador, questão central da pesquisa aqui apresentada. Em outra seção, comento sobre as modalidades de uso da língua, debate também diretamente relacionado ao tema desta investigação, conforme explicarei. Faço então a apresentação da pesquisa – participantes, objetivos e metodologia utilizada, para então abrir a discussão sobre a análise do texto da comunicação do cartunista com falantes nativos, especificamente, se a interação entre eles resultou em texto produzido com aprimoramento na precisão linguística³ (Doughty e Williams, 1998).

1. LÍNGUA ESTRANGEIRA: ENSINO E PRÁTICA NUM CENÁRIO DE CONSTANTES MUDANÇAS

Seja em relação a abordagens e metodologias de ensino ou à utilização de recursos tecnológicos, o contexto de ensino de língua estrangeira vem histórica e cientificamente se modificando de diferentes maneiras (Souza & Lima, 2018; Council of Europe, 2018; Leffa 2016,). Discussões sobre abordagem de ensino e de aprendizagem incluíram (e incluem) “inglês geral” (Ramos, 2002)⁴ ou inglês para fins específicos (Dudley-Evans & Stohn, 2011), necessidades do aprendiz (Madeira, 2015; 2017), enfoque explícito ou implícito na gramática, entre várias outras questões (Madeira, 2003b), em diferentes contextos.

Neste percurso de mudanças, a partir da década de 1980, “comunicação” passou a ser a palavra-chave para a aprendizagem da nova língua: defendia-se que a comunicação do aprendiz com falantes proficientes na língua-alvo proporcionava aprendizagem – ou aquisição⁵ – do novo idioma (Ellis, 2000; Almeida Filho, 2013; Krashen, 1982;). No que diz respeito a recursos tecnológicos utilizados para o ensino/aprendizagem, a discussão envolve desde a invenção de aparelhos sonoros (gravadores e reprodutores de voz), passando pelo videocassete, até chegar aos computadores, nas décadas de 1980 e 1990. Entretanto, a partir de meados da década de 1990, o computador ganhou destaque quando se colocou como novidade tecnológica efetivamente inovadora e revolucionária, a partir do uso da internet. A máquina unia recursos de som e de imagem e trazia a oportunidade da tão defendida “comunicação” como ferramenta fundamental para a aprendizagem de língua estrangeira (Almeida Filho, 2013). Passou a oferecer a chance de aprendizes, de

³ Refiro-me aqui como “precisão linguística” a ausência de erros orto-gramaticais, tradução minha para “accuracy”, termo utilizado na literatura da Linguística e da Linguística Aplicada como referência à ausência daquele tipo de erro.

⁴ O termo “inglês geral” adquiriu conotação negativa depois que os defensores de “ESP” (“English for Specific Purposes”) passaram a defender que quaisquer ambientes de aprendizagem de língua estrangeira são, necessariamente, específicos. Hutchinson e Waters (1987, p. 53), por exemplo, afirmam que “todos os cursos são baseados em uma necessidade percebida de algum tipo.

⁵ Este foi o termo que deu nome à então incipiente “abordagem comunicativa”. Nos primórdios desta abordagem, fazia-se distinção quase radical entre aprendizagem e aquisição de língua. Entretanto, no decorrer de anos, essa ideia vem constantemente sendo exaustivamente rediscutida.

modo geral, terem contato com falantes nativos (ou não nativos proficientes)⁶. Até então, isto era privilégio daqueles que tivessem a chance de praticar a língua em viagens ou tivessem contato continuado com aqueles falantes no Brasil, o que era relativamente raro, ou mesmo um privilégio. Foi essa oportunidade de comunicação (por escrito) na língua-alvo que me levou à investigação da pesquisa aqui discutida.

2. PESQUISA: SUJEITO DE PESQUISA, PARTICIPANTES, OBJETIVOS E ESCOLHA DO MEIO

O objetivo desta pesquisa foi observar se a comunicação mediada pelo computador feita por escrito com falantes proficientes proporciona aprimoramento na precisão linguística. O período de observação foi relativamente longo, um total de quinze meses, e os participantes foram o cartunista e um grupo de falantes nativos de língua inglesa da Inglaterra, dos Estados Unidos e da Austrália.

Conforme comentei, o sujeito desta investigação possuía baixo grau de proficiência, o que exigiu que a interação dele com aqueles falantes fosse assistida por mim, principalmente no início do período de observação. Nossa interação – entre mim e o sujeito de pesquisa – também ocorreu a partir da comunicação escrita pelo computador. Eu lhe dava assistência sobre como expressar o que desejava, tarefa esta que envolvia tanto explicações linguísticas para a tradução das falas dos personagens de seus cartuns, quanto competência pragmática visando a promover aos falantes de outros países alguma explanação sobre questões culturais locais.⁷

A comunicação ocorreu através de programas de comunicação síncrona e assíncrona da internet. Este meio pareceu-me particularmente adequado naquele contexto, justamente para a discussão e tradução dos textos dialógicos escritos dos personagens dos cartuns. Conforme comentarei em outra seção deste artigo, o texto da comunicação por escrito pela internet inclui várias das características do texto produzido para a conversação presencial (Madeira, 2004;). Este fato pode parecer natural quando se trata de comunicação síncrona, entretanto, essas características são também observadas na comunicação eletrônica assíncrona por e-mail e outros programas (Biesenbach-Lucas & D. Weasenforth, 2001; Madeira, 2004).

3. INSTRUMENTOS E METODOLOGIA DE PESQUISA

Os instrumentos utilizados para a investigação foram três: 1. testes escritos de proficiência; 2. textos produzidos para a comunicação mediada pelo computador entre sujeito de pesquisa e os falantes nativos e 3. diários escritos por ele relatando suas impressões em relação àquela interação.

Os testes, aplicados antes e depois do período de observação, serviram para medir a percepção do cartunista em relação ao uso de *tempos e aspectos verbais*, já que este item

⁶ Vale lembrar que, inicialmente, a comunicação pela internet era ainda relativamente restrita e ocorria, mais frequentemente, por escrito.

⁷ A maioria dos cartuns envolviam questões culturais locais, as quais requeriam esclarecimentos aos falantes nativos sobre alguns aspectos do contexto cultural brasileiro, para o qual o material havia sido preparado.

era relevante não apenas para a compreensão dos cartuns, mas também para garantir o humor neles contido. Conforme se postula na literatura, a modalidade falada da língua tende a fazer maior uso de verbos – tende à gramaticalização – em oposição à escrita, que faz uso maior de nomes, isto é, substantivos, e tende à nominalização ((Halliday, 1985; Madeira, 2004). Os dois testes tiveram métodos de avaliação iguais e os itens traziam assuntos familiares ao aprendiz (neste caso, o sujeito de pesquisa), conforme se recomenda na literatura sobre avaliação (Hulstijn, 2011; Fulcher, 2010; Shohamy, 2001; Alderson et al., 1996). Os métodos utilizados para o teste escrito foram múltipla escolha e “cloze”, que consiste na supressão de determinadas palavras de um texto.^{8,9}

Os textos produzidos pelo cartunista na comunicação com falantes nativos foi o segundo instrumento utilizado. Serviu para a observação detalhada sobre diferenças de precisão linguística nos textos produzidos durante o período de observação. O terceiro instrumento empregado, diários produzidos pelo sujeito de pesquisa, trouxe evidências da percepção dele em relação à investigação conduzida, ao processo de escrita e à busca por significado. Os resultados foram obtidos através da triangulação dos dados coletados pelos três instrumentos.

Na seção que segue, faço comentários sobre as modalidades de língua, já que esta pesquisa traz à tona, necessariamente, a discussão sobre elas. Considere-se que o material humorístico do cartunista consiste em cartuns, que trazem textos da conversação oral (dos personagens) por escrito. A comunicação dele com os falantes nativos foi feita por escrito através da comunicação síncrona e assíncrona mediada pelo computador, cujo texto (escrito) traz características linguísticas do texto produzido para a comunicação dialógica oral (Madeira, 2004). Ou seja, características de textos da modalidade oral estiveram presentes tanto no contexto de comunicação entre participantes da investigação (por escrito, pela internet), quanto nos textos discutidos por eles: cartuns com textos escritos de situações dialógicas.

4. LÍNGUA ESCRITA, LÍNGUA FALADA E GRAMATICALIDADE

Modalidades de uso da língua foi tema frequente de discussões na literatura da Linguística desde os primórdios desta Ciência. Discutiam-se, frequentemente, sobre as diferenças entre as duas modalidades. Entretanto, já há algumas décadas, as características textuais da língua falada e as da língua escrita não são mais discutidas como uma dicotomia estanque, com uma delimitação sobre o que pertence a uma modalidade ou à outra. Discutem-se as duas modalidades sob uma perspectiva teórica de uso, de relação dinâmica entre si (Madeira, 2004, 2001; Marcuschi, 1994, 1995). A partir da chegada da internet, esta discussão passou a ser feita considerando uma dimensão ainda mais ampla, já que a rede de computadores proporcionou grande novidade para a

⁸ As duas seções do teste traziam tiras humorísticas com personagens familiares ao cartunista.

⁹ A supressão de palavras neste método pode ser feita de forma mecânica, através da contagem de palavras, ou embasada em algum aspecto léxico-gramatical, dependendo do objetivo da avaliação. A segunda opção foi escolhida para a pesquisa aqui comentada. Especificamente, as supressões estavam relacionadas a tempos verbais. Nesse sentido, foram aceitas mais de uma opção, contanto que fizessem sentido sem modificar o significado do conteúdo e o humor do cartum.

Linguística: a escrita em tempo real, o que causou discussão e discórdia entre autores. Alguns chamaram a escrita praticada na internet de uma nova modalidade de língua (Warschauer, 1997; Madeira, 2001). Para Warschauer (1997:42), "A divisão histórica entre a fala e a escrita foi ultrapassada com os aspectos interacional e reflexivo da língua em um único meio: CMC".

Entre várias das características da modalidade falada, destaca-se a complexidade gramatical, particularmente, o uso de formas verbais. (Madeira, 2004; Chafe, 1995; Halliday, 1984). Enquanto a escrita apresenta textos mais concisos e faz maior utilização de substantivos, a fala tende a produzir textos de forma dinâmica, apresentá-los como processos e, para representar processos, utiliza-se mais de verbos. Utilizar verbos envolve criar orações que precisam ser interligadas, relacionadas e agrupadas. A gramática serve para ordenar essa sequência de orações em termos de interligação e estabelecer a relação entre elas, daí a complexidade gramatical da língua falada.

Visando a proporcionar uma investigação válida e efetiva, foi necessária a especificidade de um item gramatical a ser observado. Dentre vários analisados, a opção recaiu sobre o uso de formas verbais, já que esta é uma das principais características da modalidade falada. Não apenas foi muito (naturalmente) utilizada na comunicação entre o sujeito e os participantes da pesquisa, que consistia em diálogos escritos, mas também era de uso frequente no material humorístico do cartunista: cartuns com textos orais escritos.

É importante deixar claro que "complexidade gramatical" não deve ser confundida com "precisão gramatical", ou precisão linguística. Textos orais da conversação informal, por exemplo, são gramaticalmente complexos, entretanto, na maioria das vezes (na conversação informal) não apresentam precisão linguística. Esta foi questão importante nas discussões com os participantes – todos eles falantes nativos de língua inglesa – sobre a tradução das falas nos cartuns. Foram indispensáveis as opiniões dos falantes nativos sobre o uso de determinadas formas verbais, que pudessem não estar necessariamente de acordo com a "norma culta"¹⁰ e eram fundamentais para a expressão do humor.

5. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Conforme expus, foram três os instrumentos utilizados para a coleta de dados desta pesquisa: testes escritos, produção escrita e diários produzidos pelo sujeito de pesquisa. Os três serviram para a análise da precisão linguística nos textos produzidos por ele para a comunicação com os falantes nativos.

É importante explicar aqui, novamente, que antes do cartunista apresentar seu trabalho aos falantes de língua inglesa, discutíamos sobre os cartuns e obtínhamos uma tradução deles. Estas discussões eram feitas em inglês, visando ao ensino à e prática do idioma, com mudanças para a língua portuguesa quando necessário. Envolviam explicações de itens léxico-gramaticais, com ênfase em tempos e aspectos verbais necessários para a apresentação do material humorístico aos falantes nativos, visando à

¹⁰ É sempre válido lembrar que o que se refere como "norma culta" é questionado (e criticado) pela sociolinguística e outras áreas. Questiona-se: "(norma) culta para quem?" (Signorini, 2014).

explicação do conteúdo linguístico e pragmático. Estes dois aspectos eram indispensáveis para se atingir uma tradução adequada do material e expressar o humor nele contido. Desta forma, reitero, no momento do contato com falantes nativos, o material já estava traduzido e a discussão entre eles e o cartunista visava, fundamentalmente, a busca de melhor tradução para expressão do humor nas diferentes culturas. Visando proporcionar confiança e autonomia ao cartunista, em algumas ocasiões deixei que a tradução feita exclusivamente por ele, sem minha supervisão, fosse comentada com os participantes. A tradução feita por ele para a comunicação com os falantes nativos, como era esperado, apresentava textos de um aprendiz com baixo grau de proficiência, sem precisão ortogramatical. Estes textos foram comentados e negociados com os falantes nativos até se atingir um resultado, isto é, uma tradução apropriada.

A comparação dos resultados dos testes aplicados não mostrou diferença significativa quanto à habilidade do sujeito de pesquisa com o uso preciso de tempos e aspectos verbais. O resultado do primeiro teste foi idêntico ao daquele aplicado após o período de observação. No primeiro, na seção de preenchimento de lacunas, 50% delas foram preenchidas adequadamente (8 de um total de 16 lacunas) e no segundo a porcentagem foi a mesma. Na parte do teste em que foi utilizado método de múltipla escolha, tampouco houve diferença de resultados nos dois testes; a porcentagem de acertos foi de 40% no primeiro e no segundo teste.

A observação de itens sobre os quais o sujeito de pesquisa demonstrou maior e menor dificuldade não causou grande surpresa. O item mais facilmente compreensível foi o gerúndio dos verbos, que tem estrutura idêntica àquela da língua portuguesa: verbo estar e verbo principal com a terminação utilizada para este tempo verbal. Efetivamente, esta terminação varia ligeiramente em português (*endo, ando, indo*), enquanto na língua inglesa não há qualquer variação: usa-se “ing” em todos os casos. O item que apresentou maior ocorrência de respostas inadequadas foi o aspecto perfectivo de verbos da língua inglesa, que traz diferença sutil no uso em língua portuguesa e, não raramente, é fator complicador para aprendizes falantes desta língua.

O texto produzido para a comunicação com falantes de língua inglesa foi particularmente produtivo para a geração e para análise de dados. O humor do material fez a interação entre eles ser relativamente frequente, e o fato de se tratar de assunto de interesse do cartunista contribuiu para a quantidade de produção textual e para o aumento na fluência da troca de mensagens.

Os resultados obtidos por este segundo instrumento foram semelhantes aos coletados pelo primeiro – o teste escrito. Durante o período de observação não foi constatado aprimoramento significativo em relação à precisão linguística no texto produzido pelo cartunista para a comunicação com os participantes, no que diz respeito a tempos verbais, no período de observação. Ressalta-se que, apesar de meus comentários corretivos com explicações gramaticais, a produção de mensagens pelo cartunista foi sempre incentivada, independentemente da precisão linguística nos textos.

O excerto a seguir mostra comentários corretivos feitos por mim, com saliência de

cor e tamanho de fonte, aqui mostrada através do uso de letras maiúsculas.¹¹ É interessante observar como o cartunista teve a habilidade de *tentar* se expressar - o que sinaliza a busca por fluência (Madeira, 2015). Não se inibiu em arriscar, fazendo adaptações a partir da língua portuguesa: ele transforma a palavra “wrong” no verbo errar e usa a forma gerúndio, numa tentativa de dizer “errando”:

Pesquisador: How are you doing? Are you still alive?

Cartunista: Yes, I still alive.

Pesquisador: yes, I'M still alive

Cartunista: I'm still wronging

Pesquisador: I'M STILL MAKING MISTAKES (WRONGING DOESN'T EXIST)

Em relação ao uso do gerúndio, houve discussões nas quais eu fiz explicações sobre as diferenças em inglês do uso deste tempo verbal no aspecto perfectivo (no caso do “present perfect continuous”) e do gerúndio simples, diferença que em português não necessariamente existe. Note a seguir a tentativa de uso da forma aprendida “*present perfect continuous*” para expressar “Estou imprimindo nossos e-mails” (com significado de “tenho imprimido nossos e-mails”):

“I had been printing our mails, this is very good to me.

Now I can read these in many times. It will be a good book to me”.

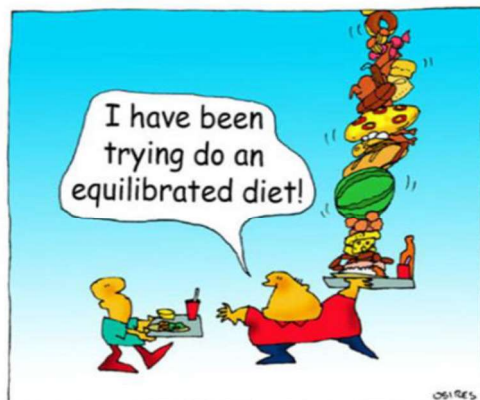
Nota-se o uso de “had” ao invés de “have”, possivelmente uma confusão das duas palavras devido à semelhança entre elas, sem necessariamente indicar erro na escolha do tempo verbal. Semelhantemente, no excerto a seguir, provavelmente a palavra “hve” (supostamente erro de digitação para “have”) foi usada no lugar de “has”. Novamente nota-se a tentativa de uso do aspecto “present perfect continuous”, porém sem precisão: o uso de “have” ao invés de “has” – imprecisão relativamente comum entre aprendizes brasileiros – e sem a flexão com a terminação “ing” no verbo “talk”.

“Tracie hve been talk with me by ICQ message”

A imagem a seguir é a tentativa de explicar a uma participante australiana o conteúdo de um cartum, que tinha a frase “*Estou tentando uma dieta bem equilibrada*” como texto original. Foi discutido com a participante sem ter passado por minha supervisão:

¹¹ O que se vê aqui em letras maiúsculas era mostrado em cor vermelha e salientado em negrito.

Figura 1: cartum traduzido pelo cartunista, antes de discussões com participantes



Fonte: Osires, 2002.

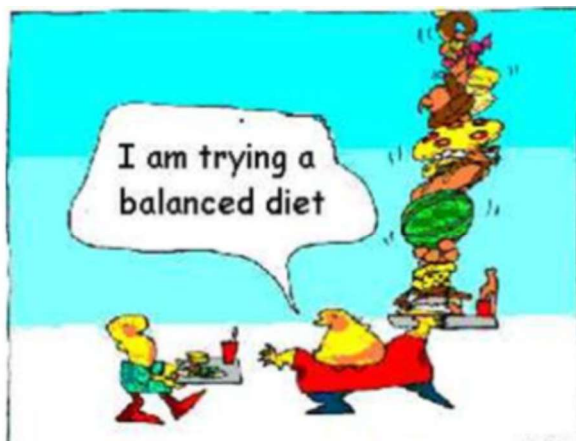
O tempo verbal “*present perfect continuous*”, anteriormente ensinado, foi usado voluntariamente pelo cartunista, supostamente, como resultado de hipercorreção (Possenti, 2014). Neste caso, parece ter havido a tentativa de usar a forma mais elaborada (recém-aprendida) numa situação que pedia a forma mais simples, conforme sugestão da participante, falante nativa da língua inglesa. Nota-se também a inclusão do verbo “do”, provavelmente tradução da expressão “fazer dieta”, relativamente comum em língua portuguesa.

(...) I would use "balanced diet" because equilibrated diet isn't used muc (SIC) 12 almost never here (...)
 “Hi Paula
 Thank you for your collaboration. I corrected the cartoon.
 What is better, "I am trying to do a balanced diet" or
 "I have been trying to do a balanced diet"? (...)
 Did you enjoy really this cartoon?
 (...) It probably should be "I am trying to balance my diet"
 Also, you don't "do" a diet. The phrase should read: I am
 trying a balanced diet OR I am trying to stay on a balanced diet.
 and yes, I do really like it.

Concluiu-se, eventualmente, (a partir de sugestão da participante) que a forma mais simples seria a mais adequada:

¹² A palavra “much” foi grafada com supressão da letra “h” – um erro de digitação.

Figura 2: resultado do cartum, a partir de discussão com participante da Austrália.

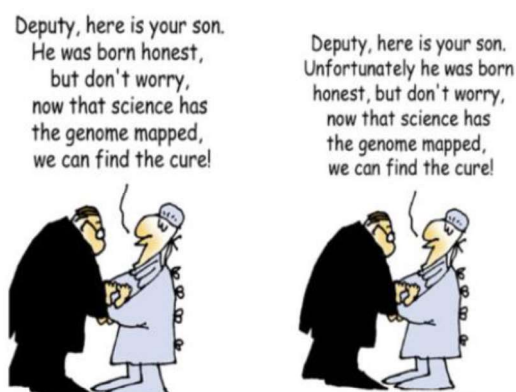


Fonte: Osires, 2002.

Reitera-se que este pode ser exemplo de ocorrência de hipercorreção resultante do ensino da forma mais elaborada: o aspecto perfectivo do gerúndio. Conforme postulei, ficou evidenciado através dos testes e de mensagens anteriormente produzidas pelo cartunista que o gerúndio simples havia sido precisamente compreendido. Ou seja, a forma mais simples (e mais apropriada, de acordo com a falante australiana) poderia ter sido facilmente sugerida pelo cartunista logo de início, já que é a tradução mais imediata para falantes de português. Entretanto, ele optou, voluntariamente, pelo uso do “present perfect continuous”.

Em outro caso, a comunicação com um participante natural da Inglaterra resultou em pouca mudança na tradução final. A sugestão foi apenas a inclusão da palavra: “*unfortunately*”. Entretanto, a discussão sobre o assunto do cartum – (sobre uma questão político-cultural) – e sobre outras questões rotineiras de trabalho dos dois rendeu continuidade na troca de mensagens:

Figura 3: cartum original e versão com inclusão de palavra sugerida pelo participante.



Fonte: Osires, 2002.

Mensagem enviada por um participante da Inglaterra:

Hi O.

Sorry for the slowness in replying, this

e-business stuff is really taking off (...)

I'm now equipped with two laptop's to

work faster! (...)

Reposta do cartunista:

Hi Tony,

I'm sorry for the slowness too. (...)

Abaixo é apresentada uma sequência de troca de mensagens entre o cartunista e o participante inglês:

(...) I liked the cartoon you sent and understood the text

straight away. However, I think the text will flow

better if you write 'Deputy, here is your son.

Unfortunately he was born honest, but don't worry,

now that science has the genome mapped we can find

a cure! (...)

Hi

Good, I like your suggestion. It's very important to me

understand the language. You write very good.

What do you do? I like very much cartoons, but I like

more to do they. Can I send you some more? (...)

(...) What do you do? (...)

Hi,

I used your cartoon on two of my colleagues from Belgium

and they found it very funny. I think they have similar

feelings about their politicians. (...) I work in the

software business(...) feel free to send some more

cartoons (...)

Tony

Hi Tony.

This a good piece of news (am I wright?), or bad too.

The politicians are the same in every places of word.

Thanks for you attention, and enjoy it. All yours

coments are good and necessary.

É interessante notar que o cartunista usa a mesma frase contida na mensagem do participante para um pedido de desculpas, ação que foi interpretada aqui como sinal de alguma aprendizagem da língua. Em seguida, ele faz piada com palavras, sinal de

segurança na produção da língua-alvo:

Hi O,

Sorry for the slowness in replying, this e-business
stuff is really taking off (...) I'm now equipped with
two laptop's to work faster! (...)

Hi Tony,

I'm sorry for the slowness too. I understand you,
I'm very busy like you. Do you use two hands like
Billy the Kid? You can be the Bit the Kid. (...)

O excerto anterior mostra apenas parte de várias mensagens trocadas. Algumas produzidas pelo participante são relativamente longas e, aparentemente, sem qualquer tipo de simplificação de linguagem para um falante de outra língua com deficiências ortogramaticais explícitas. O excerto seguinte apresenta mensagens trocadas com uma participante estadunidense. Eram escritas com muita informalidade, inclusive sem seguir regras ortogramaticais:

Hi Tracie! (...) I think translate some cartuns that I did and send to you

Can I do it? |(...)

Hello O.!

Thank you for your email! send me some cartoons, i would
love to see them and i will tell u if i understand them ok!

A observação do texto produzido pela participante levou a uma interpretação inusitada. Nota-se que o texto não segue normas de escrita padrão e utiliza-se do som para a escrita, uma característica dos textos produzidos na comunicação informal pela internet. A letra “u” é usada para “you” – e o pronome “I” é grafado em letra minúscula. Interprete este fato como se a participante estivesse escrevendo para outro falante de língua inglesa, para o qual esta escrita, neste contexto, seria imediatamente compreendida. Foi surpreendente observar o cartunista comentar voluntariamente sobre este fato, em seu diário de pesquisa. Sobre a tendência de uso de palavras imitando o som da fala num texto escrito *não* sincrônico:

“(...) Acho que é pelo jeito que se escreve um email quase como se fala.”

Ele comentou ainda sobre sua desatenção em relação à precisão linguística, no momento da escrita das mensagens. Postulou que a falta de atenção à imprecisão é resultada da priorização do assunto relevante da mensagem:

“Não digo que não me esforço em escrever e me expressar
corretamente, mas nem sempre os erros são por não saber.

Acho que a exigência tem que recair sobre a tradução.”

A “tradução” à qual o cartunista se refere é a translação do material humorístico dele,

assunto da comunicação com os participantes. Nesse sentido, é surpreendente notar que, mesmo sem ter ele (o cartunista) noção alguma sobre teorias de aquisição de língua estrangeira, expõe com clareza a recomendação de Krashen (1982): atenção ao significado, acima da forma. Outros comentários no diário produzido pelo sujeito de pesquisa podem ser analisados sob a luz de autores seguidores daquelas teorias, desde os primórdios. No excerto a seguir, o primeiro exemplo, retirado do diário por ele produzido, e o segundo, da comunicação dele com um participante, nota-se a tentativa de produzir linguagem e a busca por negociação de significados (Pica, 1994, Long, 1989), ações fortemente defendidas nas teorias de aquisição:

“outra coisa é que na dúvida sempre arrisco para receber a correção.”

“[...] When I don't remember some word, I write and wait your correction, or suggestion. [...]

A comunicação escrita pela internet oferece recursos valiosos para o processo de aprendizagem (ou aquisição) de um novo idioma – ou para tornar o insumo compreensível. A possibilidade de releitura do texto, por exemplo, serve para a *reformulação* de mensagem, conforme sugere Lightbown (1998). O cartunista utilizou-se deste recurso, reconheceu o uso e comentou:

[...] I wrote wrong one message.

- what message?

I can't use "Had I say". I must "Did I say" (...)

Além da releitura do texto, a consulta ao dicionário da rede foi também recorsoutilizado para tornar o insumo compreensível. No excerto a seguir, o cartunista afirmou ter procurado alguma palavra no dicionário: ¹³

- [...] I'm very slowly because I need to read the dictionary
excuse me, ok [...]

Resposta do falante nativo:

- your (SIC)¹⁴ not slow at all!!!! take all the time
you need i am very patient ok, it is not a problem.

Pode-se observar através dos dados aqui comentados que a comunicação entre o sujeito de pesquisa e os falantes nativos correu fluidamente durante todo o período de observação, sem muitos problemas de compreensão. Houve excelente interação entre eles e o material humorístico foi inteiramente traduzido para a língua inglesa, considerando inclusive aspectos socioculturais. Entretanto, não ficou evidenciado um correspondente no impacto na precisão linguística no texto produzido pelo cartunista.

Uma configuração complexa de fatores inter-relacionados contribui para a falta de

¹³ O dicionário era online e a “demora” comentada no excerto era de apenas alguns segundos.

¹⁴ O participante usa “your” no lugar de “you’re. Novamente observa-se sons grafados por escrito, na comunicação escrita pelo computador.

precisão linguística observada nos textos produzidos pelo sujeito da pesquisa, entretanto, pode-se atentar aqui especificamente a alguns desses fatores. Conforme já exaustivamente discutido na literatura, o texto da comunicação escrita da internet, sincrônica ou assincrônica, apresenta várias das características da linguagem produzida para a modalidade oral, especificamente da comunicação oral em conversações informais. Conforme comentei anteriormente neste artigo, o texto produzido para esta comunicação entre o cartunista e os participantes, embora gramaticalmente complexo, nem sempre foi linguisticamente preciso, o que pode ser interpretado como um causador da falta de precisão linguística no texto produzido pelo cartunista. Conforme anteriormente mostrado, alguns textos produzidos pelos participantes – todos falantes nativos – não apresentavam precisão linguística, em diferentes aspectos. Inclusive, o cartunista comentou este fato em seu diário:

“Vejo que isso também acontece nas mensagens dos nativos, que as vezes vem com erros crassos..”

Relacionado à comunicação em língua estrangeira, a busca é sempre pela compreensão mútua e pelo sucesso na comunicação. Embora eu, como pesquisador/professor, tenha feito comentários corretivos e discutido sobre gramática, a atenção maior do sujeito de pesquisa recaía na comunicação com os participantes. Afinal, o assunto relevante era a tradução de seu material humorístico. Nesse sentido, como era de se esperar, em nenhum momento houve quaisquer comentários dos participantes sobre imprecisões linguísticas nos textos produzidos do sujeito de pesquisa. Houve, efetivamente, elogios à capacidade de comunicação do cartunista. Assim, de modo geral, ficou aqui evidenciado que a comunicação por escrito pela internet, síncrona ou assíncrona, pode não ser o melhor modo de aprimoramento da produção textual escrita, pelo menos no que diz respeito à precisão linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate aberto neste artigo traz à tona a discussão sobre prática de língua estrangeira e reflexos na precisão linguística do aprendiz. Nesse sentido, é sempre importante ter em mente contexto e objetivo da comunicação. No estudo aqui discutido, o objetivo do cartunista foi atingido com sucesso – a tradução dos cartuns –, apesar da diversidade de questões envolvidas, além de aspectos linguísticos. Humor em diferentes culturas, contexto social, escolha de termos e estruturas gramaticais foram alguns dos itens indispensáveis a serem considerados para a tradução do material humorístico. Surpreendentemente, observou-se que, mesmo com muitas limitações de gramática e vocabulário, houve sucesso na comunicação, num contexto no qual o meio ofereceu recursos relevantes para atingir os objetivos.

Fica aqui uma porta aberta para mais pesquisas na área de ensino e aprendizagem de língua estrangeira explorando não apenas o meio – que já não é exatamente novo – mas todo o vasto campo de estudo que a comunicação sempre traz para a pesquisa, nas mais diversas áreas.

REFERÊNCIAS

- ALDERSON, C.J., WALL, D., e CLAPHAIM C. **Language Test Construction and Evaluation**. Cambridge: Cambridge University Press. 1996. 324p ALMEIDA FILHO, J.C.P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes, 2013.
- BACHMAN L. F. & PALMER A. S. **Language Testing in Practice – Designing and Developing Useful Language Tests**. Oxford University Press. 1996.377p.
- BIESBACH-LUCAS S. & D. WEASENFORTH. E-Mail And Word Processing In The ESL Classroom: How the Medium Affects The Message. **Language Learning & Technology**, vol. 5, nº 1. 2001. p. 135-165.
- CHAFE, W. Discourse, Consciousness, and Time. The flow and Displacement of Conscious Experience in Speaking and Writing. The University of Chicago Press, 1995. 392 p.
- COUNCIL OF EUROPE. New common European framework of reference for languages: learning, teaching, assessment. Companion volume with new descriptors. Disponível em <https://rm.coe.int/cefr-companion-volume-with-new-descriptors-2018/1680787989>. 2018. Acesso em 12 abril 2023.
- DUDLEY-EVANS, T.; STOHN, M. Developments in English for specific purposes: a **multi-disciplinary approach**. 13. ed. Cambridge: Cambridge University Press. 2011. 320p.
- DOUGHTY, C. & VARELLA, E. Communicative Focus on Form. In: Doughty, C. & Williams, J. (org.) – In Focus on Form in Classroom Second Language Acquisition. Cambridge: Cambridge University Press.1998. p. 114-138.
- ELLIS, R. **Second language acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 2000. 147p.
- FULCHER, G. **Practical Language Testing**. London: Hodder Education. ISBN: 987-0340984482. 2010. 352 p.
- DOUGHTY, C. & VARELLA, E. Communicative Focus on Form. In: Doughty, C. & Williams, J. (org.) - Focus on Form in Classroom Second Language Acquisition. Cambridge: Cambridge University Press. 1998. p. 114-138
- GIANETTI, O. **Acervo do Artista**. São Paulo, 2002.
- HALLIDAY, M. A . K. **Spoken and Written language** – Oxford University Press. 1985. 109
- HULSTIJN, J.H. Language Proficiency in native and nonnative speakers: an agenda for research and suggestions for second-language assessment. **Language Assessment Quarterly**, 8. 2011. p 229-249.
- KRASHEN, S. Principles and practice in second language acquisition. California. University of Southern California, Pergamon Press, 1982. 209p.
- LEFFA, V. J. **Língua estrangeira. Ensino e aprendizagem**. Wilson J. Leffa. – Pelotas: EDUCAT. 2016. 324p.
- LONG M. H. Task, Group, and Task-Group Interactions. University of Hawaii Working Papers. **ESL**, vol. 8, n.2, 1989
- MADEIRA, F. Comunicação Escrita Mediada pelo Computador. O impacto na precisão.

Dissertação de Mestrado Entregue ao IEL - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual da Unicamp. 2001.

MADEIRA, F. Entrevistas de emprego e candidatos, no contexto do ensino tecnológico; inglês técnico, inglês geral e algo mais, Revista CB TecLE – Revista do Congresso Brasileiro de Línguas Estrangeiras na Formação Técnica e Tecnológica. 2017. p. 319-332.

MADEIRA, F. (2015). A avaliação da produção oral em língua inglesa de candidatos a empregos: instrumentos utilizados e julgamento dos avaliadores. Relatório de pós-doutoramento entregue ao Instituto de Estudos Da Linguagem, em outubro de 2015.

MADEIRA, F. Alguns comentários sobre as modalidades de uso da língua – escrita, fala e escrita em tempo real. Caderno de Estudos Lingüísticos. Campinas, 46(1): 2004.p.71-83.

MADEIRA, F. **A comunicação em língua estrangeira mediada pelo computador: o impacto na precisão.** Revista Humanidades - série Letras. n. 1. 2003a. p. 49-67.

MADEIRA, F. O ensino da forma - retomada a discussão entre os pesquisadores da área de aquisição de língua estrangeira. Trabalhos em Lingüística Aplicada, (41): 2003b. p. 105-107.

MADEIRA, F. A comunicação em língua estrangeira mediada pelo computador: o **impacto da precisão.** Dissertação (Mestrado no Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas). Agosto de 2001.

MARCUSCHI, L.A. Contextualização e Explicitude na Relação entre Fala e **Escrita.** Conferência apresentada no I Encontro Nacional Sobre Língua Falada e Ensino, UFAL, Maceió, 14-18 de março de 1994.

MARCHUSCHI, L. A. **Oralidade e Escrita.** Conferência dada no 1º Colóquio Franco-Brasileiro sobre Linguagem e Educação – UFRN, Natal, 26-28 de junho de 1995.

PICA, T. Research on Negotiation: What does it reveal about second-language learning conditions, processes and outcomes? **Language Learning**, n.44 (3) 1994.p. 493-527.

POSSENTI, S. Descaminhos da hipercorreção. *Língua Portuguesa*, v.9. 2014. p. 56-57.

RAMOS, R. 2002. **Palestra** dada em aula de Inglês para Fins Específicos no Instituto de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SHOHAMY, E. 2001. **The Power of Tests.** Pearson Education ESL. 208p.

SIGNORINI, I. 2014. **Palestra** dada em aula orientação para tese de pós-doutoramento, no Instituto de Estudos da Linguagem, na Universidade Estadual de Campinas.

SOUSA, H. F.; LIMA, F. R. Os desafios docentes e as contribuições das tecnologias educacionais no ensino e aprendizagem de língua inglesa: cenários contemporâneos. **Revista Entre Línguas.** Araraquara. v. 4, no 2, jul./dez. 2018. p. 218-235.

WARSCHAUER, M. Computer-Mediated Collaborative Learning: Theory and Practice. **The Modern Language Journal**, n. 81, IV, 1997. p. 470-481.